

LAUDATO SI'

Coleção **MAGISTÉRIO**

- Carta apostólica *Misericordia et misera*, Papa Francisco
- Carta encíclica *Laudato Si'*, Papa Francisco
- Exortação apostólica *Amoris Laetitia*, Papa Francisco
- Exortação apostólica *Christus vivit*, Papa Francisco
- Exortação apostólica *Gaudete et Exsultate*, Papa Francisco
- *Jovens, a fé e o discernimento vocacional (Os)*, Documento final, Sínodo dos bispos

CARTA ENCÍCLICA
DO PAPA FRANCISCO

LAUDATO SI'

SOBRE O CUIDADO DA CASA COMUM



Direção editorial: *Pe. Sílvio Ribas*
Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*
Capa: *Karine Pereira dos Santos*
Imagem da capa: *composição a partir do brasão do Papa Francisco*
Editoração, impressão e acabamento: PAULUS

© Libreria Editrice Vaticana
Tradução: © Conferência Nacional dos Bispos do Brasil



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.
Cadastre-se e receba informações
sobre nossos lançamentos e nossas promoções:
paulus.com.br/cadastro
Televentas: (11) 3789-4000 / 0800 16 40 11

2ª edição, 2019

© PAULUS – 2019
Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br
ISBN 978-85-349-5056-5

LISTA DE SIGLAS

AL	<i>Amoris Laetitia</i>
CA	<i>Centesimus Annus</i>
CIgC	Catecismo da Igreja Católica
CV	<i>Caritas in Veritate</i>
DAp	Documento de Aparecida
EE	<i>Ecclesia de Eucharistia</i>
EG	<i>Evangelii Gaudium</i>
GS	<i>Gaudium et Spes</i>
LE	<i>Laborem Excercens</i>
LS	<i>Laudato Si'</i>
OA	<i>Octogesima Adveniens</i>
OL	<i>Orientale Lumen</i>
PP	<i>Populorum Progressio</i>
RH	<i>Redemptor Hominis</i>
SRS	<i>Sollicitudo Rei Socialis</i>

1. “*LAUDATO SI, MI’ Signore!*” Louvado sejas, meu Senhor, cantava São Francisco de Assis. Nesse gracioso cântico, recordava-nos de que a nossa casa comum pode-se comparar ora a uma irmã, com quem partilhamos a existência, ora a uma boa mãe, que nos acolhe nos seus braços: “Louvado sejas, meu Senhor, pela nossa irmã, a mãe terra, que nos sustenta e governa e produz variados frutos com flores coloridas e verduras”.¹

2. Essa irmã clama contra o mal que lhe provocamos por causa do uso irresponsável e do abuso dos bens que Deus nela colocou. Crescemos pensando que somos seus proprietários e dominadores, autorizados a saqueá-la. A violência que está no coração humano ferido pelo pecado vislumbra-se nos sintomas de doença que notamos no solo, na água, no ar e nos seres vivos. Por isso, entre os pobres mais abandonados e maltratados, conta-se a nossa terra oprimida e devastada, que “geme e sofre as dores do parto” (Rm 8,22). Esquecemo-nos de que nós mesmos somos terra (cf. Gn 2,7). Nosso corpo é constituído pelos elementos do planeta; seu ar permite-nos respirar, e sua água vivifica-nos e restaura-nos.

Nada deste mundo nos é indiferente

3. Mais de cinquenta anos atrás, quando o mundo estava oscilando sobre o fio de uma crise nuclear, o Santo Papa João XXIII escreveu uma encíclica na qual não se limitava a rejeitar a guerra, mas quis transmitir uma proposta de paz. Dirigiu sua mensagem *Pacem in Terris* a todo o mundo católico, mas acrescentou: e a todas as pessoas de boa vontade. Agora, diante da deterioração global do ambiente,

¹ *Cantico delle creature: Fonti Francescane*, 263.

quero dirigir-me a cada pessoa que habita este planeta. Na minha exortação *Evangelii Gaudium*, escrevi aos membros da Igreja, a fim de mobilizá-los para um processo de reforma missionária ainda pendente. Nesta encíclica, pretendo especialmente entrar em diálogo com todos acerca da nossa casa comum.

4. Oito anos depois da *Pacem in Terris*, em 1971, o Beato Papa Paulo VI referiu-se à problemática ecológica, apresentando-a como uma crise que é “consequência dramática” da atividade descontrolada do ser humano: “Por motivo de uma exploração inconsiderada da natureza, [o ser humano] começa a correr o risco de destruí-la e de vir a ser, também ele, vítima dessa degradação”.² E, dirigindo-se à FAO, falou da possibilidade de uma “catástrofe ecológica sob o efeito da explosão da civilização industrial”, sublinhando a “necessidade urgente de uma mudança radical no comportamento da humanidade”, porque “os progressos científicos mais extraordinários, as invenções técnicas mais assombrosas, o desenvolvimento econômico mais prodigioso, se não estiverem unidos a um progresso social e moral, voltam-se necessariamente contra o homem”.³

5. São João Paulo II debruçou-se, com interesse sempre maior, sobre esse tema. Em sua primeira encíclica, advertiu que o ser humano parece “não se dar conta de outros significados do seu ambiente natural, para além daqueles que servem somente para os fins de uso ou consumo imediatos”.⁴ Mais tarde, convidou a uma *conversão ecológica global*.⁵ Entretanto, fazia notar o pouco empenho que se põe em “salvaguardar as condições morais de uma autêntica ecologia humana”.⁶ A destruição do ambiente humano é um fato muito grave, porque, por um lado, Deus confiou o mundo ao ser humano e, por

² *OA*, n. 21.

³ *Discurso à FAO, no seu XXV aniversário* (16 de novembro de 1970), 4: *AAS* 62 (1970), 833; *L'Osservatore Romano* (ed. portuguesa de 22/11/1970), 6.

⁴ *RH*, n. 15.

⁵ Cf. *Catequese* (17 de janeiro de 2001), 4: *Insegnamenti* 24/1 (2001), 179; *L'Osservatore Romano* (ed. portuguesa de 20/1/2001), 8.

⁶ *CA*, n. 38.

outro, a própria vida humana é um dom que deve ser protegido de várias formas de degradação. Toda pretensão de cuidar e melhorar o mundo requer mudanças profundas “nos estilos de vida, nos modelos de produção e de consumo, nas estruturas consolidadas de poder, que hoje regem as sociedades”.⁷ O progresso humano autêntico possui um caráter moral e pressupõe o pleno respeito pela pessoa humana, mas deve prestar atenção também ao mundo natural e “ter em conta a natureza de cada ser e as ligações mútuas entre todos, num sistema ordenado”.⁸ Assim, a capacidade do ser humano de transformar a realidade deve desenvolver-se com base na doação originária das coisas por parte de Deus.⁹

6. O meu predecessor, Bento XVI, renovou o convite para “eliminar as causas estruturais das disfunções da economia mundial e corrigir os modelos de crescimento que parecem incapazes de garantir o respeito pelo meio ambiente”.¹⁰ Lembrou que o mundo não pode ser analisado concentrando-se apenas sobre um dos seus aspectos, porque “o livro da natureza é uno e indivisível”, incluindo, entre outras coisas, o ambiente, a vida, a sexualidade, a família, as relações sociais. É que “a degradação da natureza está estreitamente ligada à cultura que molda a convivência humana”.¹¹ O Papa Bento XVI propôs-nos reconhecer que o ambiente natural está cheio de chagas causadas pelo nosso comportamento irresponsável; o próprio ambiente social tem as suas chagas. Contudo, fundamentalmente, todas elas se devem ao mesmo mal, isto é, à ideia de que não existem verdades indiscutíveis guiando a nossa vida, e por isso a liberdade humana não tem limites. Esquece-se de que “o homem não é apenas uma liberdade que se cria por si própria. O homem não cria a si

⁷ *Ibid.*, 58: *o. c.*, 863.

⁸ *SRS*, n. 34.

⁹ Cf. *CA*, n. 37.

¹⁰ *Discurso ao Corpo Diplomático acreditado junto da Santa Sé* (8 de janeiro de 2007): *AAS* 99 (2007), 73.

¹¹ *CV*, n. 51.

mesmo. Ele é espírito e vontade, mas é também natureza”.¹² Com paterna solicitude, convidou-nos a reconhecer que a criação resulta comprometida “onde nós mesmos somos a última instância, onde o conjunto é simplesmente nossa propriedade e onde o consumimos somente para nós mesmos. E o desperdício da criação começa onde já não reconhecemos qualquer instância acima de nós, mas vemos unicamente a nós mesmos”.¹³

Unidos por uma preocupação comum

7. Essas contribuições dos papas recolhem a reflexão de inúmeros cientistas, filósofos, teólogos e organizações sociais que enriqueceram o pensamento da Igreja sobre essas questões. Entretanto, não podemos ignorar que, também fora da Igreja católica, em outras Igrejas e comunidades cristãs – bem como em outras religiões – têm-se desenvolvido uma profunda preocupação e uma reflexão valiosa sobre esses temas que a todos nós são muito caros. Apenas para dar um exemplo particularmente significativo, quero retomar brevemente parte da contribuição do amado patriarca ecumênico Bartolomeu, com quem partilhamos a esperança da plena comunhão eclesial.

8. O patriarca Bartolomeu tem-se referido particularmente à necessidade de cada um se arrepender do próprio modo de maltratar o planeta, porque “todos, na medida em que causamos pequenos danos ecológicos”, somos chamados a reconhecer “a nossa contribuição – pequena ou grande – para a desfiguração e destruição do ambiente”.¹⁴ Sobre esse ponto, pronunciou-se repetidamente, de maneira firme e encorajadora, convidando-nos a reconhecer os pecados contra a criação: “Quando os seres humanos destroem a biodiversidade na criação de Deus; quando os seres humanos comprometem a

¹² *Discurso ao Bundestag*, Berlim (22 de setembro de 2011): AAS 103 (2011), 664; *L'Osservatore Romano* (ed. portuguesa de 24/9/2011), 5.

¹³ BENTO XVI, *Discurso ao clero da diocese de Bolzano-Bressanone* (6 de agosto de 2008): AAS 100 (2008), 634; *L'Osservatore Romano* (ed. portuguesa de 16/8/2008), 5.

¹⁴ *Mensagem para o Dia de Oração pela salvaguarda da criação* (1º de setembro de 2012).

integridade da terra e contribuem para a mudança climática, desnudando a terra das suas florestas naturais ou destruindo as suas zonas úmidas; quando os seres humanos contaminam as águas, o solo, o ar... tudo isso é pecado”.¹⁵ Porque “um crime contra a natureza é um crime contra nós mesmos e um pecado contra Deus”.¹⁶

9. Ao mesmo tempo, Bartolomeu chamou atenção para as raízes éticas e espirituais dos problemas ambientais, que nos convidam a encontrar soluções não só na técnica, mas também numa mudança do ser humano; caso contrário, estaríamos enfrentando apenas os sintomas. Propôs-nos passar do consumo ao sacrifício, da avidez à generosidade, do desperdício à capacidade de partilha, numa ascese que “significa aprender a dar, e não simplesmente renunciar. É um modo de amar, de passar pouco a pouco do que eu quero àquilo de que o mundo de Deus precisa. É libertação do medo, da avidez, da dependência”.¹⁷ Além disso, nós, cristãos, somos chamados a “aceitar o mundo como sacramento de comunhão, como forma de partilhar com Deus e com o próximo numa escala global. É nossa humilde convicção que o divino e o humano se encontram no menor detalhe de túnica inconsútil da criação de Deus, mesmo no último grão de poeira do nosso planeta”.¹⁸

São Francisco de Assis

10. Não quero prosseguir esta encíclica sem invocar um modelo belo e motivador. Tomei seu nome por guia e inspiração no momento da minha eleição para Bispo de Roma. Acho que Francisco é o exemplo por excelência do cuidado com o que é frágil e com uma ecologia integral, vivida com alegria e autenticidade. É o santo padroeiro de

¹⁵ *Discurso em Santa Bárbara*, Califórnia (8 de novembro de 1997); cf. JOHN CHRYS-SAVGIS, *On Earth as in Heaven: Ecological Vision and Initiatives of Ecumenical Patriarch Bartholomew* (Bronx / Nova Iorque, 2012).

¹⁶ *Idem*.

¹⁷ *Conferência no Mosteiro de Ustein*, Noruega (23 de junho de 2003).

¹⁸ BARTOLOMEU, *Discurso Global Responsibility and Ecological Sustainability: Closing Remarks*, I Cimeira de Halki, Istambul (20 de junho de 2012).

todos os que estudam e trabalham no campo da ecologia, amado também por muitos que não são cristãos. Manifestou uma atenção particular pela criação de Deus e pelos mais pobres e abandonados. Amava e era amado por sua alegria, sua dedicação generosa, seu coração universal. Era um místico e um peregrino que vivia com simplicidade e numa maravilhosa harmonia com Deus, com os outros, com a natureza e consigo. Nele se nota até que ponto são inseparáveis a preocupação com a natureza, a justiça para com os pobres, o empenho na sociedade e a paz interior.

11. Seu testemunho mostra-nos também que uma ecologia integral requer abertura para categorias que transcendem a linguagem das ciências exatas ou da biologia e nos põem em contato com a essência do ser humano. Tal como acontece a uma pessoa quando se enamora por outra, a reação de Francisco, sempre que olhava para o Sol, a Lua ou os minúsculos animais, era cantar, envolvendo no seu louvor todas as outras criaturas. Entrava em comunicação com toda a criação, chegando mesmo a pregar às flores, “convidando-as a louvar o Senhor, como se gozassem do dom da razão”.¹⁹ A sua reação ultrapassava de longe uma mera avaliação intelectual ou um cálculo econômico, porque, para ele, qualquer criatura era uma irmã, unida a ele por laços de carinho. Por isso, sentia-se chamado a cuidar de tudo que existe. São Boaventura, seu discípulo, contava que ele, “enchendo-se da maior ternura ao considerar a origem comum de todas as coisas, dava a todas as criaturas – por mais desprezíveis que parecessem – o doce nome de irmãos e irmãs”.²⁰ Essa convicção não pode ser desvalorizada como romantismo irracional, pois influi nas opções que determinam o nosso comportamento. Se nos aproximarmos da natureza e do meio ambiente sem essa abertura para a admiração e o encanto, se deixarmos de falar a língua da fraternidade e da beleza na nossa relação com o mundo, então as nossas atitudes serão as do dominador, do consumidor ou de um mero explorador dos recursos

¹⁹ TOMÁS DE CELANO, *Vita prima di San Francesco*, XXIX, 81: *Fonti Francescane*, 460.

²⁰ *Legenda Maior*, VIII, 6: *Fonti Francescane*, 1145.

naturais, incapaz de pôr um limite aos seus interesses imediatos. Pelo contrário, se nos sentirmos intimamente unidos a tudo que existe, então brotarão de modo espontâneo a sobriedade e a solicitude. A pobreza e a austeridade de São Francisco não eram simplesmente um ascetismo exterior, mas algo de mais radical: uma renúncia a fazer da realidade um mero objeto de uso e domínio.

12. Por outro lado, São Francisco, fiel à Sagrada Escritura, propõe-nos reconhecer a natureza como um livro esplêndido em que Deus nos fala e transmite algo da sua beleza e bondade: “Partindo da grandeza e beleza das criaturas, pode-se chegar a ver, por analogia, o seu Criador” (Sb 13,5), e “as perfeições invisíveis de Deus – não somente seu poder eterno, mas também a sua eterna divindade – são percebidas pelo intelecto, através de suas obras, desde a criação do mundo” (Rm 1,20). Por isso, Francisco pedia que, no convento, se deixasse sempre uma parte do horto por cultivar para aí crescerem as ervas silvestres, a fim de que quem as admirasse pudesse elevar o seu pensamento a Deus, autor de tanta beleza.²¹ O mundo é algo mais do que um problema a resolver; é um mistério gozoso que contemplamos na alegria e no louvor.

O meu apelo

13. O urgente desafio de proteger a nossa casa comum inclui a preocupação de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral, pois sabemos que as coisas podem mudar. O Criador não nos abandona, nunca recua no seu projeto de amor, nem se arrepende de nos ter criado. A humanidade possui ainda a capacidade de colaborar na construção da nossa casa comum. Desejo agradecer, encorajar e manifestar apreço a quantos, nos mais variados setores da atividade humana, estão a trabalhar para garantir a proteção da casa que partilhamos. Gratidão especial é devida àqueles que lutam, com vigor, para resolver as dramáticas conse-

²¹ Cf. TOMÁS DE CELANO, *Vita seconda di San Francesco*, CXXIV, 165: *Fonti Francescane*, 750.

quências da degradação ambiental na vida dos mais pobres do mundo. Os jovens exigem de nós uma mudança; interrogam-se como se pode pretender construir um futuro melhor sem pensar na crise do meio ambiente e nos sofrimentos dos excluídos.

14. Lanço um convite urgente a renovar o diálogo sobre a maneira como estamos construindo o futuro do planeta. Precisamos de um debate que nos una a todos, porque o desafio ambiental que vivemos e as suas raízes humanas dizem respeito e têm impacto sobre todos nós. O movimento ecológico mundial já percorreu um longo e rico caminho, tendo gerado numerosas agregações de cidadãos que ajudaram na conscientização. Infelizmente, muitos esforços na busca de soluções concretas para a crise ambiental acabam, com frequência, frustrados não só pela recusa dos poderosos, mas também pelo desinteresse dos outros. As atitudes que dificultam os caminhos de solução, mesmo entre os crentes, vão da negação do problema à indiferença, à resignação acomodada ou à confiança cega nas soluções técnicas. Precisamos de nova solidariedade universal. Como disseram os bispos da África do Sul, “são necessários os talentos e o envolvimento de todos para reparar o dano causado pelos humanos sobre a criação de Deus”.²² Todos podemos colaborar, como instrumentos de Deus, no cuidado da criação, cada um a partir da sua cultura, experiência, iniciativas e capacidades.

15. Espero que esta carta encíclica, que se insere no magistério social da Igreja, nos ajude a reconhecer a grandeza, a urgência e a beleza do desafio que temos pela frente. Em primeiro lugar, farei uma breve resenha dos vários aspectos da atual crise ecológica, com o objetivo de assumir os melhores frutos da pesquisa científica atualmente disponível, deixando que ela toque em profundidade e dê uma base concreta ao percurso ético e espiritual seguido. A partir dessa panorâmica, retomarei algumas argumentações que derivam da tradição

²² CONFERÊNCIA DOS BISPOS CATÓLICOS DA ÁFRICA DO SUL, *Pastoral Statement on the Environmental Crisis* (5 de setembro de 1999).

judaico-cristã, a fim de dar maior coerência ao nosso compromisso com o meio ambiente. Depois procurarei chegar às raízes da situação atual, de modo a individuar não apenas os seus sintomas, mas também as causas mais profundas. Poderemos assim propor uma ecologia que, nas suas várias dimensões, integre o lugar específico que o ser humano ocupa neste mundo e as suas relações com a realidade que o rodeia. À luz dessa reflexão, gostaria de dar mais um passo, verificando algumas das grandes linhas de diálogo e de ação que envolvem cada um de nós e a política internacional. Finalmente, convencido – como estou – de que toda mudança tem necessidade de motivações e de um caminho educativo, proporei algumas linhas de maturação humana inspiradas no tesouro da experiência espiritual cristã.

16. Embora cada capítulo tenha a sua temática própria e uma metodologia específica, o seguinte retoma, por sua vez, a partir de uma nova perspectiva, questões importantes abordadas nos capítulos anteriores. Isso diz respeito especialmente a alguns eixos que atravessam a encíclica inteira. Por exemplo: a relação íntima entre os pobres e a fragilidade do planeta, a convicção de que tudo está estreitamente interligado no mundo, a crítica do novo paradigma e das formas de poder que derivam da tecnologia, o convite para procurar outras maneiras de entender a economia e o progresso, o valor próprio de cada criatura, o sentido humano da ecologia, a necessidade de debates sinceros e honestos, a grave responsabilidade da política internacional e local, a cultura do descarte e a proposta de um novo estilo de vida. Esses temas nunca se dão por encerrados nem se abandonam, mas são constantemente retomados e enriquecidos.